



**REVISTA DA
ACADEMIA
BRASILIENSE DE
LETRAS - ABL**

REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL

ANO III, FASE 2 , Nº 5 – 2023



Presidente

Fabio de Sousa Coutinho

Vice-Presidente

Roberto Rosas

Secretário Geral

Edmílson Caminha

1º Secretário

Ronaldo Costa Fernandes

2º Secretário

Danilo Gomes

Tesoureiro

Afonso Ligório

Comissão de Contas

Anderson Braga Horta, Napoleão Valadares e José Jeronymo Rivera

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.
Composto e impresso no Brasil. Printed in Brazil.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
--------------------	---

POESIA

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

ERÓTICA	8
Erotika	9
DIA NASCENDO EM TEUS OLHOS	10
Tag in Deinen Augen Erwachend	11
ARMADILHA	12
Falle	13
HINO	14
Hymne	15
CÍRCULO DE FAMÍLIA	16
Familienkreis	17
MINHA FILHA	18
Meine Tochter	19
VOTO PARA MINHA NETA FERNANDA	20
Wunsch Für Meine Enkelin Fernanda	21
A ENGRENAGEM	22
Das Getriebe	23
SEMÂNTICA	24
Bedeutungslehre	25
TORRES	26
Türme	27

O TEMPO	28
Die Zeit	29
TREVALUME	30
Dunkellicht	31
SONETO MAIS-QUE-ESTRAMBÓTICO	32
Ein Mehr Als Ausgefallenes Sonett	33
GESTAÇÃO	34
Schwangerschaft	35
EVOLUÇÃO	36
Entwicklung	37

ARTIGOS E CONTOS

A GUERRA ESTÁ AQUI NO MEU ESCRITÓRIO. MALDITO PROGRESSO.	40
<i>José Alberto Couto Maciel</i>	
OS MISERÁVEIS: ONTEM, HOJE, SEMPRE	43
<i>Edmílson Caminha</i>	
RIDE PALHAÇO	49
<i>Gilmar Duarte Rocha</i>	
O CAMINHO DA PRAIA	55
<i>Jorge Sá Earp</i>	

ORAÇÕES ACADEMICAS

Recepção de Vladimir Carvalho por Edmilson Caminha	68
Discurso de posse de Vladimir Carvalho	74

ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABrL

Quadro Acadêmico e Patronos	82
-----------------------------------	----

APRESENTAÇÃO

Neste 2023 em que completa os primeiros 55 anos de sua fundação, a Academia Brasiliense de Letras traz a lume mais um número, o quinto, da fase eletrônica de sua revista, iniciada em março de 2020.

Destaco, na seção de Poesia, e com particular satisfação, a publicação bilíngue de poemas do acadêmico Anderson Braga Horta, que têm sua tradução alemã com autoria de Curt Meyer-Clason, importante tradutor de literatura de língua portuguesa para o idioma de Goethe.

Nas outras seções, artigos e contos assinados por confrades e um escritor convidado, o diplomata e ficcionista Jorge Sá Earp, e os discursos pronunciados por ocasião da posse de Vladimir Carvalho na ABrL, em 23 de março do corrente.

A publicação deste número 5 da Revista é a reafirmação de um compromisso acadêmico da atual diretoria da ABrL, no sentido de manter a Academia inserta, ativamente, no contexto cultural de nossa cidade e de nosso país, não obstante as dificuldades de ordem material que historicamente se nos deparam.

Brasília, DF, 4 de novembro de 2023

Fabio de Sousa Coutinho
Presidente da ABrL

A vintage typewriter is shown from a front-facing perspective. A blank sheet of paper is inserted into the carriage. The typewriter has a dark body and a light-colored keyboard. The background is a blurred landscape with a body of water and mountains under a bright sky.

POESIA

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

ERÓTICA

OLHOS

*De repente descobro
a lavada beleza de teus olhos.
(Entre mim e o sono
trazes um sol nos lábios
e nos seios Vênus.)
Teus olhos são como céus que choveram.*

EROTIKA

AUGEN

Plötzlich entdecke ich
die frischgewaschene Schönheit deiner Augen
 (Zwischen mir und dem Schlaf
 trägst du eine Sonne auf den Lippen
 und auf den Brüsten Venus.)
Deine Augen sind wie Himmel, die geregnet haben.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

DIA NASCENDO EM TEUS OLHOS

*Dormes na tarde breve. Do céu, ave
de plumagem de treva, o voo etéreo
pousa a noite na terra. E leve, suave,
choca os ovos gorados do mistério.*

*No leito em que tu dormes, um sidéreo
clarão, que vem de ti, abranda o grave
negror do quarto — este meu céu cinéreo...
E tu brilhas no céu como uma nave!*

*Ouçó o rumor da treva que desliza,
solilóquio da sombra ardendo agora
por vir beber do anelo teu a brisa.*

*E eu bebo-a, em matinal, branca alegria,
e é noite ainda, sem luar, lá fora,
enquanto nos teus olhos já é dia.*

TAG IN DEINEN AUGEN ERWACHEND

Du schalänfst am kurzen Abend. Vom Himmel, Vogel
mit dunklem Gefieder, legt der äthrische Flug
die Nacht auf die Erde nieder. Und leicht, sanft,
brütet er die gescheiterten Eier des Geheimnisses aus.

Im Bett, in dem du schläfst, dämpft ein Sternen-
blitz, der von dir kommt, die schwere Schwärze
des Zimmers – diesen meinen Aschenhimmel...
Und du erstrahlst am Himmel wie ein Schiff!

Ich höre das Geräusch des entgleitenden Dunkels,
Selbstgespräch des nun brennenden Schattens,
weil er von deinem Wunsch nach Wind getrunken hat.

Und ich trike ihn am Morgen, weiße Freude,
und es ist noch Nacht, ohne Mondschein, dort draußen,
während in deinen Augen schon tag ist.

ARMADILHA

*Que sinais cabalísticos são estes?
Este cenho franzido, os olhos flâmeos,
o vago do gesto, este querer ter sido,
certeza da Perfeição atrás de invisíveis muralhas,
inquebráveis, posto que de vidro?
que a mão de balde força
e a mente em vão tateia, oculta porta?
Esta melancolia,
suave contentamento na tristeza,
gosto de sal e mel na boca?
Esta contradição na comissura
dos lábios, júbilo ascendente à destra,
descendente à sinistra?
O força em névoas
disseminada que, aspirando ao signo,
se condensa e concentra em golpe e grito
e afinal se traduz, restrita e clara,
neste ríctus que amor transforma em rito!*

FALLE

Was für kaballistische Zeichen sind diese?
Diese krause Miene, die flammenden Augen,
das Unbestimmte der Gebärde, dies Gewesen-Sein-Wollen,
Gewissheit der Vollkommenheit hinter unsichtbaren,
unzerbrechlichen Mauern, sofern aus Glas?
Welche die Hand vergeblich presst
und der Geist umsonst betastet, verborgene Tür?
Diese Schwermut,
sanfte Befriedigung in der Traurigkeit,
Salz-und Honiggeschmack im Mund?
Dieser Widerspruch in der Naht
der Lippen, rechts aufsteigender,
links absteigender Jubel?
Ach in Nebeln
zerstreute Kraft die, das Zeichen erstrebend,
sich verdichtet und versammelt zu Schlag und Schrei
und sich schließlich, enger und klar,
in dieses Lachen übersetzt, das Liebe zum Ritus wandelt!

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

HINO

*Entre as fêmeas paredes protetoras,
na alcova, a sacra ondulação de um hino:
em campos de lençóis as sedutoras
formas abres — e sobre ti me inclino.*

*Passem horas de calma e horas de fogo,
de ternura e de fúria nestes campos:
— som de nuvens na brisa, — o ardente rogo,
em róseo mar, de rubros hipocampos.*

*Mas há um momento sobre todos denso
em que a sombria carne, a arder, se eleva
ao que é sem termo — em cujo prado imenso*

*libro ao luar a fome dos meus lobos.
É quando sobre mim, na doce treva,
baixas da aurora os titubeantes globos.*

HYMNE

Zwischen den weiblichen Schutzwänden
im Alkoven, der heilige Wellengang einer Hymne:
auf Leintuchfeldern die verführerischen
offenen Formen — und über dich beuge ich mich

Es weiden Stunden der Ruhe und Stunden des Feuers,
der Zärtlichkeit und der Wut auf diesen Feldern:
— Wolkenklang in der Brise — die brennend Bitte
hochroter Seepferde auf rosenfarbenem Meer.

Aber da ist ein über allen dichter Augenblick,
in dem das düstere Fleisch brennend aufsteht
zu dem, was ohne Grenze ist — und auf dessen riesiger Weide

ich im Mondschein den Hunger meiner Wölfe befreie.
Es ist sobald du im süßen Dunkel aus dem Morgenrot
die schwankenden Erdbälle auf mich senkst.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

CÍRCULO DE FAMÍLIA

CRIANÇA CHORANDO

Para meu filho Anderson

*Teu pranto abala as raízes da noite.
Tuas lágrimas reanimam a velha metáfora
e molham consteladamente o lençol.
Da obscuridade da tua fome
e do teu desamparo
clamas pelo dia, o teu dia,
quando fraldas e cueiros serão retratos esquecidos no álbum
e mamadeiras e chupetas te farão sorrir sobre outros berços.
Da noite do ventre materno saíste para a penumbra
e choras.
Tão pequeno e já franzes a testa.
Porventura sabes quanto pranto é preciso para fazer-se um homem
e te constróis impacientemente.*

FAMILIENKREIS

WEINENDES KIND

Für meinen Sohn Anderson

Dein Weinen erschüttert die Wurzeln der Nacht.
Deine Tränen beleben die alte Metapher
und besprengen das Leintuch.
Aus der Dunkelheit deines Hungers
und deiner Verlassenheit
rufst du nach dem Tag, deinem Tag,
wenn Hemdzipfel und Windeln vergessene Albumbilder sein
und Säuglinge und Schnuller dir über andere Wiegen
ein Lächeln entlocken werden.
Aus der Nacht des Mutterleibes tratst du ins Halbdunkel
und weinst.
Noch so klein, und schon runzelst du die Stirn.
Vielleicht weißt du, wieviel Weinen nötig ist, damit ein Mensch
entsteht
und du dich ungeduldig aufbaust.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

MINHA FILHA

Para a Marília

*Minha filha, tudo em ti é pureza,
mesmo o que em nós nos lembra
o charco original.
Merecias um madrigal,
não um poema lírico-triste,
cheio de vã filosofia.
Por ti, devera eu reencontrar a inocência.
Mas como ser inocente e lúcido?
Não, hoje não escrevo o teu poema.
Olho-te, avaro: meu amor é um lago
incomunicativo.
Te pego ao colo. Choras,
Mudo-te as fraldas e adoro-te em silêncio.*

MEINE TOCHTER

Für Marília

Meine Tochter, alles an dir ist Reinheit,
selbst das, was in uns uns
an den ursprünglichen Sumpf erinnert.
Du verdienstest ein Madrigal,
nicht ein lyrisch-trauriges Gedicht,
voll von eitler Philosophie.
Durch dich müsste ict die Unschuld wiederfinden.
Aber wie unschuldig und hellichtig sein?
Nein, heute schreibe ich nicht dein Gedicht.
Ich blicke dich an, geizig:meine Liebe ist ein
ungeselliger See.
Ich nehme dich auf den Schoß. Du weinst.
Ich wechsle dir die Windeln und verehere dich stillschweigend.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

VOTO PARA MINHA NETA FERNANDA

*Criança, estás no róseo início da viagem
a bordo de um planeta azul que em sonhos erra.
Inocente alma em flor, sem sombra e sem bagagem,
dormes de todo alheio à nossa absurda guerra.*

*Em breve acordarás para o real e a miragem!
e acender-te-ás o Sol que nos ergue da terra:
Ambicionar dos céus a mais alta paragem,
sem se apegar a mais do que na mão se encerra.*

*Viver como quem vê à frente a aternidade
e como quem não tem mais que a hora, o segundo.
Ser fiel, toda a vida, à íntima verdade,*

*sem se fechar, contudo, às verdades do mundo.
Eis o dia, eis a noite, e o esto e a suavidade,
que fará de teu voo um voo alto e profundo.*

WUNSCH FÜR MEINE ENKELIN FERNANDA

Kind, du stehst am rosigen Anfang der Reise
an Bord eines blauen Planeten, der durch Träume irrt.
Als unschuldige Seele in Blüte, ohne Schatten und ohne Gepäck
schläfst du völlig fern von unserem widersinnigen Krieg.

In Kürze wirst du zur Wirklichkeit und zur Fata Morgana erwachen!
Und du wirst dir die Sonne anzünden, die uns von der Erde erhebt:
Von den Himmeln den höchsten Aufenthalt erwarten,
ohne sich an mehr zu klammern als was die Hand umfasst.

Leben wie einer, der vor sich die Ewigkeit sieht
und wie einer, der nicht mehr hat als die Stunde, die Sekunde.
Treu sein, das ganze Leben, der inneren Wahrheit,

ohne sich indes den Wahrheiten der Welt zu verschließen,
Hier ist der Tag, hier ist die Nacht, und die Bruthitze, und die
Sanftmut,
die aus deinem Flug einen Hoch- und Tiefflug machen wird.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

A ENGRENAGEM

*Operários todos, peças de engrenagem
cujo todo não vemos, construímos
peças de engrenagem.*

*Deste metal far-se-á uma fuselagem.
Este parafuso é da bomba.*

*Cientistas, sacerdotes, políticos, advogados,
professores, militares, agricultores, poetas,
jornalistas, propagandistas, filósofos, etc.,
operários todos.
Fazedores,
lubrificadores,
zeladores*

das peças da Engrenagem.

*Lavradores cegos em terra alheia
cultivando as papoulas do ódio.
Manejam remotos senhores
os controles,
e inconscientes operamos,
marionetes artífices do Fim.*

Abel prepara o punho de Caim.

DAS GETRIEBE

Wir Arbeiter, allesamt Teile des Getriebes,
dessen Gesamtbild wir nicht sehen, erschaffen
Teile des Getriebes.

Aus diesem Metall wird ein Rumpf entstehen.
Diese Schraube gehört zur Bombe.

Wissenschaftler, Priester, Politiker, Anwälte,
Professoren, Militärs, Arckerbauern, Dichter,
Jornalisten, Propagandisten, Philosophen, und so weiter,
lauter Arbeiter.

Fertigsteller,
Schmiermeister
Wächter

der Getriebestücke.

Blinde Landarbeiter auf fremder Erde,
die den Mohn des Hasses anbauen.

Ferne Herren führen
Aufsicht,
und unbewusst wirken wir,
künstliche Marionetten des Endes.

Abel schult Kains Faust.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

SEMÂNTICA

*As palavras morrem,
virgens, de usura,
—Fartura—
as palavras
finam-se de desuso.*

*As palavras desviam-se,
mudam de órbita
—Democracia—
as palavras, satélites
forçados a novos planetas.*

*As palavras ocam-se,
deslembrados signos
—Paz, Amor—
por onde o pensamento,
como um éleo, vaza.*

*As palavras gastam-se,
oxidam-se de malícia e asco.
—Liberdade! Liberdade!—
As palavras.*

BEDEUTUNGSLEHRE

Die Wörter sterben,
jungfräulich, vom Wucher,
—*Überfluss*—
die Wörter
vergehen vom Nichtgebrauch.

Die Wörter treiben ab,
wechseln die Einfluss-Sphäre
—*Demokratie*—
die Wörter, an neue Planeten
gekettete Trabanten.

Die Wörter entleeren sich,
vergessen Zeichen
—*Frieden Liebe*—
in die das Denken
wie Öl sich entleert.

Die Wörter verbrauchen sich,
oxydieren aus Bosheit und Ekel.
—*Freiheit! Freiheit!*—
Die Wörter.

TÜRME

Wir errichteten den Turm
unseres StolzesNeidesEhrgeizesSchauders.
Ein jeder mit seinem Hass,
 seinem Ziegelstein. Einem jeden
seinen Turm. Die Erde, zu klein
für alle. Wir erbauten
den Turm, wie jeder. Einen, der wäre
und wurde der beklemmende Raum.
Eng
sind die Wege, weit
das Begehren, weit. Als törichte Gierhalse
verabscheuen wir das gemeinsame Baugerüst.
Wir bauten — groß war der Hass,
knapp das Grundstück — er sättigte sich.
Ich muss dir sagen, Bruder, dass dein Turm
den Schatten des meinen zerbricht. Ich muss
dir sagen, dass du ihn niederreißt oder —
 Aber
schon verstehe ich mich nicht mehr,
weder du mich, noch ich dich, noch wir —
 Es gerinnen
die Wörter,
unlöslich im Geist. Zurückbleibt
der Knopf, verbleibt es,
ihn zu drücken?

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

O TEMPO

*Espantados olhos
vasculhando a treva.
(A ignorância nossa
do mistério é ceva.)*

*Num lugar da noite
(ao lado ou cá dentro)
dormem o ontem, o hoje,
o amanhã e o sempre.*

*Onde a espada que
a armadura rompa,
onde a lança que*

*desmantele o escudo e
mostre as faces do
tempo simultâneas?*

DIE ZEIT

Erstaunte Augen
durchforschen das Dunkel.
(Unsere Unwissenheit
des Geheimnisses ist Mastfutter.)

An einem Ort der Nacht
(nebenan oder hier drinnen)
schlafen das Gestern, das Heute,
das Morgen und das Immer.

Wo ist das Schwert, welches das
Balkenwerk zerbräche,
wo die Lanze, die

das Schild zerstückeln
und die gleichzeitigen Gesichter
der Zeit dir zeigen könnte?

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

TREVALUME

*Grita-se “Homem à terra!” e ninguém não acode.
Diluídos no sem-fim do inexistir, os deuses.
Quem ouve? Quem não pode. E grita? Quem se morre.
Solidão! solidão dos cardumes nas redes!*

*O Homem donde vem? Caiu donde não era.
Para onde vai? Não sabe. E o que deseja? A volta.
Que trouxe? Um sol que ardeu futuro antes da queda
e que é feito de cinza (e fora lume outrora?)*

*Que leva? Uma saudade anterior de incêndio.
Ou uma canção sem voz? Ou uma luz que se coalha
no coágulo maior das grossas trevas, rocha?*

*Anoitece? amanhece? ele perplexo baila
da garupa de um ai ao cavo de um silêncio,
sem ver donde praonde a treva se desloca.*

DUNKELLICHT

Man schreit: "Mensch auf der Erde!" und niemand kommt zuhilfe.
Aufgelöst im Ohne-Ender der Nichtexistenz, die Götter.
Wer hört? Wer nicht kann. Und schreit? Wer dahinsiecht.
Einsamkeit! Einsamkeit der Schwärme in den Netzen!

Der Mensch, woher kommt er? Er fiel von da, wo er nicht war.
Wohin geht er? Er weiß es nicht. Und was wünscht er? Die
Rückkehr.
Was brachte er mit? Eine Sonne, die Zukunft leuchtete vor dem Fall
und die aus Asche besteht (und einst Licht war?).

Was nimmt er mit? Eine Sehnsucht vor dem Brand.
Oder ein Lied ohne Stimme? Oder ein Licht, das sich verdickt
im größten Gerinsel der lastenden Finsternisse, Felsen?

Dunkelt es? Tagt es? Verblüfft tanzt er
von der Kruppe eines Ach zum Tief eines Schweigens,
ohne zu sehen, woher das Dunkel sich wohin begibt.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

SONETO MAIS-QUE-ESTRAMBÓTICO

*Uma imagem de espelho — sem o espelho.
O pensamento sem o pensador.
Um sol oculto em céu oculto. A estrela
fixa. O moto-contínuo, sem motor.*

*Eis o objeto-sujeito da Procura,
de que o poema é cristal = da carne-alma,
resíduo e testemunho da aventura =
voo cristalizado inda no umbral.*

*Faces inumeráveis do Absoluto
autógeno, em progresso e entanto imóvel,
em quedas e subidas alternadas,*

*no fabrico chocamo-nos do fruto
(perfeito desde os amanhãs e outroras)
da semente do Tempo germinada.*

*Até que a alma, feliz, esplenda o voo
do cansaço das Formas para o Nada.*

EIN MEHR ALS AUSGEFALLENES SONETT

Ein Spiegelbild - ohne den Spiegel.
Der Gedanke ohne den Denker.
Eine verborgene Sonne im verborgenen Himmel. Der
Fixstern. Der Selbstantrieb ohne Motor.

Das ist das Objekt-Subjekt der Suche,
von dem das Gedicht Kristall ist = vom Seelenfleisch,
Abfall und Zeuge des Abenteuers =
Kristallisierter Flug noch auf der Schwelle.

Unzählbare Gesichter des autogenen Absoluten,
im gleichwohl unbeweglichen Fortschritt,
in abwechselnden Stürzen und Aufstiegen,

in der Herstellung stoßen wir uns an der Frucht
(vollkommen seit den kommenden Morgen und den ehemeligen)
der gekeimten Saat der Zeit.

Bis die Seele glücklich beglänze den
Ermüdungsflug der Formen zum Nichts.

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA
TRADUZIDOS PARA O ALEMÃO POR CURT MEYER-CLASON

GESTAÇÃO

*Nos fluidos subterrâneos
de alguma antiga crença,
alguma coisa de algo
ficou-me, vaga e imensa.*

*Uma saudade incerta
de algo talvez sonhado,
algo que a alma presente
agora, e é já passado,*

*alguma coisa pura
anterior a mim mesmo,
anterior à vida
e, entanto, inda imperfeita.*

*Nos fluidos subjacentes
de alguma antiga crença
—antiga como a Origem—
palpita, vaga imensa,*

*talvez premonitória
saudade de áurea esfera
futura — e já contida
no sêmen da Matéria.*

SCHWANGERSCHAFT

In den flüssigen Kellergeschossen
irgendeines uralten Glaubens
ist mir etwas von irgendetwas
verblieben, etwas Unbestimmtes und Ungeheueres.

Eine unbestimmte Sehnsucht
nach etwas vielleicht Erträumtem
etwas, was die Seele jetzt
ahnt und schon vergangen ist,

irgendeine reine Sache
vor meiner eigenen Zeit,
vor dem Leben
und indessen noch unvollkommen.

In den flüssigen Untergründen
irgendeines uralten Glaubens
uralt wie der Ursprung —
erbebt als riesige Woge

eine vielleicht warnende
Sehnsucht nach einen goldenen künftigen
und bereits im Samen der Materie
enthaltenen - Lebenskreis.

EVOLUÇÃO

*A noite me acicata com seus fluidos
ao mergulho no abstruso, e em mim — em nada —
em tudo — eis-me submerso. Tudo é nada
a quem de olhar conforme ao Zero apenas.
Com seu olho ciclópico o Mistério
fita-me, espelha-me, circunda-me.
Navego-lhe no sal, e me navega
o sal em que navego — mar e nave
de outra nave e outro mar, na indemonstrável
equação do sem fim e do finito.
Neste imergir, peixe escamado, tomo
por paradigma o peixe. E, peixe, vago
no seio de uma vaga que inapreendo.
Ausculto o peixe, aquático momento
do ciclo evolutivo da Matéria.
Assim me ausculto. E vejo vir fluindo
de seus semens-raízes, vir viajando
o olho insolúvel do Mistério: fita
me em direção ao Homem — e transpassa-me,
transcende o mar, o espaço, o tempo, e fixa-se
puro Espírito adiante do infinito.*

A vintage typewriter is the central focus, shown from a front-facing perspective. A sheet of white paper is inserted into the carriage, and the text 'ARTIGOS E CONTOS' is printed on it in a bold, black, serif font. The typewriter's keyboard, with its characteristic curved keys, is visible in the foreground. The background is a soft-focus scene of a boat on a body of water, suggesting a serene, outdoor setting.

**ARTIGOS
E
CONTOS**

A GUERRA ESTÁ AQUI NO MEU ESCRITÓRIO. MALDITO PROGRESSO.

José Alberto Couto Maciel

Estou no meu escritório estudando um processo trabalhista. Faço isso normalmente há mais de cinquenta e três anos e como se trata de uma tese relevante pedi audiência com os Ministros para apresentar Memorial sobre a matéria.

Faz alguns anos, em situação análoga, ia para o Tribunal Superior do Trabalho, ingressava no gabinete do Ministro Mozart Victor Russomano e discutia a matéria com ele; seguia logo após para o gabinete do Ministro Coqueijo Costa e descíamos para tomar um café com o médico Paulo Angotti enquanto se falava sobre o processo.

Precisava dar conhecimento da tese para o Ministro Falcão bem como para os Ministros Biságlio e Lima Teixeira e todos eles me recebiam nos gabinetes e conversavam sobre tudo, inclusive sobre meu memorial.

Passou o tempo, como sempre passaram também os Ministros, (só eu que ainda não passei), e veio a pandemia quando foi necessário falar virtualmente pelo computador, inclusive em audiências.

Evidentemente que, assim como as audiências, as relações ficaram mais distantes e aquele prazer de tomar um café com um Ministro e ter uma relação mais íntima, até para adquirir um melhor conhecimento ou discutir uma tese, esse prazer está deixando de existir e, pior ainda, alguns Ministros, até mesmo pelo movimento processual relevante, deixam de conversar inclusive virtualmen-

te, pedindo que o advogado converse com seu secretário, também de forma virtual e com hora marcada.

Realmente são mudanças do tempo que passa, do progresso?, da eletrônica, alterações que têm realmente reflexo inclusive na cultura, no estudo melhor de teses porque a celeridade e as máquinas impõem resumos de petições que deveriam ser melhor estudadas e o “copia e cola” transforma peças que deveriam ser melhor trabalhadas em repetições de lado a lado.

Mas assim tem sido não só no direito como também nas mais diversas profissões e, somente para dar outro exemplo, o médico de família propriamente acabou.

Vamos ao médico mas não é ele que resolve e sim o resultado de exames eletrônicos da mais alta técnica que vão dizer o que você precisa para melhorar. É certo que este progresso é relevante e nos dá mais anos de vida, mas lembro da minha casa, quando pequeno, em que ninguém falava em dieta, nem em academia e na qual não havia almoço e jantar sem que tivesse sobremesa, mesmo que fosse goiabada com queijo. Isso era bom.

Entretanto comecei este artigo falando da guerra no meu escritório. E é verdade. Quando da segunda guerra mundial meu pai era Procurador Geral do Rio Grande do Sul e tratava dos processos concernentes, mas no escritório dele não havia guerra. Aliás, não havia nem mesmo televisão ou celular.

Sempre tomei conhecimento pelos jornais das guerras existentes na Europa, no Oriente Médio, outras guerras em que participou os Estados Unidos, mas vivendo no Brasil, com sol, praias e gente que gosta de viver, nunca tive lado a lado com a guerra, vivendo sempre da felicidade que Deus sempre desejou a nós todos.

Hoje, porém, estudando um processo no meu escritório, ligo a televisão e vejo, agora, nesse momento, um hospital sendo explodido por uma bomba que a TVGlobo discute se foi enviada pelo Hamas ou por Israel.

Fico sabendo agora que quinhentas pessoas morreram e vejo os doentes serem carregados para outro hospital no meio de outras bombas.

Recebo notícias de brasileiros que estão nesse meio, aguardando a volta pra o Brasil em uma fronteira que não deixa eles passarem e vejo isso agora.

Meu Deus, estou estudando um processo mas mentalmente, sentimentalmente e visualmente, estou em guerra.

O mundo agora é um só, não dá mais para fugir disso.

OS MISERÁVEIS: ONTEM, HOJE, SEMPRE

Edmílson Caminha

Há livros que, sozinhos, valem por toda uma obra. Houvesse escrito somente *Os Miseráveis*, Victor Hugo já seria um dos maiores nomes da literatura mundial em todos os tempos. Mesmo quem nunca o leu certamente ouviu falar da história, de personagens e de trechos do romance publicado em 1862, tão famoso que se fez verdadeiro monumento da cultura francesa, traduzido para dezenas de línguas e ainda hoje lido no mundo inteiro. Minha edição, primorosa, é da Cosac & Naify (2002), 1276 páginas em dois volumes, belo trabalho de Rodrigo Lacerda, com capa e projeto gráfico de Mayumi Okuyama. Frederico Ozanam Pessoa de Barros assina a tradução e as 816 notas que enriquecem o texto, precisas o bastante para corrigir o autor quanto a datas e a referências históricas.

Como em obras-primas da ficção – *Moby Dick*, *Alice no País das Maravilhas*, *A Revolução dos Bichos* –, a riqueza d'*Os Miseráveis* não se revela no que simplesmente se conta, nos episódios da narração, nas aventuras dos protagonistas. Vai além da leitura superficial para, no texto profundo, dizer mais sobre a natureza dos povos, os bastidores da política, as entranhas do poder, as virtudes e baixeiras de que se faz a humana condição. Assim, o livro de Hugo é muito mais do que a miséria de Jean Valjean, condenado a cinco anos de trabalhos forçados pelo roubo de um pão, acrescidos de mais catorze por tentativas de fuga; não se reduz à generosidade santa do bispo Bienvenu, à desgraça de Fantine, à crueldade de Thénardier, ao sofrimento de Cosette, à obsessão persecutória de Javert, à coragem de Enjolras. Parte o escritor da superficialidade do que flutua à tona para descer às raízes que sustentam a França

no século XIX: a força do Estado, a violência da Justiça, a fraqueza dos cidadãos, o idealismo utópico da juventude. A história se passa de 1815 a 1832 – entre a batalha de Waterloo, que pôs fim ao projeto imperialista de Napoleão, e a revolta dos estudantes parisienses, dispostos a perder a vida para derrubar o rei Luís Felipe. Com aguda lucidez, percebe o romancista um caráter marcante do seu povo: a reação, quase instantânea, à violência da polícia, que leva milhares às ruas para incendiar automóveis e prédios, fogo que, na Paris em chamas, vai dos subúrbios pobres à sofisticada avenida Champs-Élysées, símbolo de riqueza e de luxo. Há duzentos anos, as barricadas na rue de La Chanvrerie; no século XX, o Maio de 1968, sob o lema “é proibido proibir”; agora, as explosões populares que respondem a policiais assassinos de jovem imigrantes. A França como aprendemos na escola, em dois séculos de sonhos e de lutas.

A exemplo de outros mestres do romance (do Laurence Sterne de *A vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy* ao Julio Cortázar d’*O Jogo da Amarelinha*), Hugo não obedece aos limites teóricos do gênero e se dá liberdade para longas digressões, com verdadeiras aulas de história em que defende ideias filosóficas, valores políticos. Sobre Waterloo são nada menos do que 45 páginas, a que se juntam mais 14 a respeito da gíria, campo linguístico que muitos simplesmente ignoravam mas que lhe desperta grande interesse, como provam estas observações:

Que é a gíria? É ao mesmo tempo a nação e o idioma.

A gíria é ao mesmo tempo um fenômeno literário e um resultado social.

A gíria nada mais é que um guarda-roupa em que a língua, tendo alguma má ação a fazer, se disfarça, revestindo-se ali de frases-máscaras e de metáforas-farrapos.

Do ponto de vista puramente literário, poucos estudos seriam mais curiosos e fecundos que o da gíria. É uma língua

dentro da língua, (...) edifício subterrâneo construído em comum por todos os miseráveis.

Nenhum idioma tem mais metáforas que a gíria.

A gíria caminha mais em dez anos que a língua em dez séculos.

Porque *Os Miseráveis* tem de tudo: história, filosofia, mitologia, política, sociologia, linguística, mas, em especial, o elemento humano, pela maestria com que Hugo constrói personagens, compõe retratos, delinea perfis psicológicos.

Sobre Napoleão:

Quem era aquele corso de 26 anos? Que significava aquele esplêndido ignorante que, tendo tudo contra si, nada a seu favor, sem víveres, sem munição, sem canhões, sem sapatos, quase sem exército, com um punhado de homens contra enormes esquadrões, precipitava-se sobre a Europa coligada, alcançando de modo absurdo vitórias impossíveis? De onde saíra aquele brilhante alucinado que, quase sem tomar fôlego, e com o mesmo jogo dos combatentes na mão, pulverizava, um após outro, os cinco exércitos do imperador da Alemanha (...)?

Sobre Luís Felipe:

Primeiro-ministro de si mesmo; excelente para fazer da pequenez das realezas um obstáculo para a imensidão das ideias; misturando a uma verdadeira faculdade criadora de civilização, de ordem e de organização não sei que espírito de formalidade e de chicana; fundador e procurador de uma dinastia; tendo algo de Carlos Magno e alguma coisa de advogado; em suma, personalidade ativa e original,

príncipe que soube dominar, malgrado a inquietude da França, e soube ser poderoso, apesar da inveja da Europa; Luís Felipe será classificado entre os homens eminentes do seu século, e seria colocado entre os governantes mais ilustres da história, se tivesse desejado um pouco a glória, ou se tivesse o sentimento do que é grande no mesmo grau do sentimento do que é útil.

Nada, porém, mais comovente do que a apresentação de um humilde personagem, Monsieur Mabeuf, e sua tocante paixão por livros raros, que lhe rendem o pouco de que precisa para não morrer de fome:

Vendera os últimos móveis que lhe restavam, depois tudo que tinha em duplicata, tanto roupas de cama como roupa pessoal; (...) mas conservava consigo os livros mais preciosos, entre os quais vários raríssimos (...) O Sr. Mabeuf saía com um livro e voltava com uma moeda de prata. (...) Volume a volume, toda a biblioteca foi consumida. Às vezes, ele dizia: — Afinal, já tenho 80 anos! – como se tivesse uma esperança oculta de chegar ao fim de seus dias antes de chegar ao fim de seus livros.

Hugo tinha, no século XIX, uma visão holística *avant la lettre*, por entender o mundo como uma gigantesca e harmoniosa unidade feita de homens, bichos, plantas e de tudo mais que compõe a natureza:

A álgebra aplica-se às nuvens; a irradiação do astro é útil à rosa; nenhum pensador ousaria dizer que o perfume do pilriteiro é inútil às constelações. Quem, pois, é capaz de calcular o trajeto de uma molécula? Como podemos afirmar que a criação dos mundos não é determinada pela queda de grãos de areia? Quem conhece os fluxos e refluxos recíprocos do infinitamente grande e do infinitamente

pequeno, a repercussão das causas nos precipícios do ser e nas avalanches da criação? O menor inseto é importante, o pequeno é grande, o grande é pequeno, tudo está em equilíbrio na necessidade, assustadora visão para o espírito. Entre os seres e as coisas há relações miraculosas; nesse inesgotável conjunto, desde o sol até o pulgão, nada se despreza; uns têm necessidade dos outros. A luz não leva para o firmamento os perfumes terrestres sem saber o que faz; a noite distribui a essência das estrelas às flores adormecidas. Todas as aves que voam têm preso nos pés o fio do infinito.

Desde *Le Chemineau*, a primeira película que levou *Os Miseráveis* às telas, em 1905, mais de 50 outras adaptações foram feitas para o cinema, o teatro e a televisão – algumas mundialmente famosas, outras menos conhecidas, como as apresentadas no México, na Turquia, na Rússia, na Índia, no Japão, no Egito, na Coreia do Sul... e no Brasil. É do ator e diretor Dionísio Azevedo o filme *Os Miseráveis* (1958), com Fernando Baleroni (Jean Valjean), Laura Cardoso (Fantine) e Débora Duarte (Cosette). Walter Negrão adaptou o livro para a Rede Bandeirantes, que, em 1967, levou ao ar a telenovela com Leonardo Villar, no papel de Valjean, e Maria Isabel de Lizandra (Cosette).

Na França, Raymond Bernard dirigiu, em 1934, a adaptação de André Lang, composta por três partes que somam quase cinco horas. Harry-Baur é Jean Valjean, Charles Vanel faz Javert e Charles Dullin encarna Thénardier, os três com desempenhos marcantes na história do cinema francês.

Baseada em um musical, Tom Hopper dirigiu a produção britânica que teve, em 2012, nada menos do que oito indicações para o Oscar – um deles, o de melhor atriz coadjuvante, conquistado por Anne Hathaway, como Fantine.

Nenhum melhor do que a adaptação de Didier Decoin para a minissérie, em quatro capítulos, dirigida por Josée Dayan, apresentada em 2000 pela televisão francesa. Nela, o roteirista vai

além de Hugo em um ponto delicado, que não se vê no romance e apenas se insinua em filme norte-americano de 1952, com roteiro de Richard Murphy: o interesse sexual, quase incestuoso, do velho Valjean pela atraente Cosette moça, que criara como filha. No elenco, soberbo, brilham Gérard Depardieu (Valjean), John Malkovich (Javert), Christian Clavier (Thérnardier), Charlotte Gainsburg (Fantine) e Jeanne Moreau, como a Madre Innocente, diretora do convento onde estuda a pequena Cosette. É daqueles trabalhos em que a excelência dos artistas os confunde, para sempre, com os personagens que interpretam: depois que os vi, só penso em Valjean como Depardieu, em Javert com a figura de Malkovich, em Thénardier no corpo de Clavier, em Gillenormand representado por Michel Duchaussoy.

Passados 161 anos, *Os Miseráveis* ainda comove milhões de leitores em todo o mundo. O motivo é o próprio Victor Hugo quem revela, no prefácio:

Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscricção social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século – a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome e a atrofia da criança pela ignorância – não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.

RIDE PALHAÇO

Gilmar Duarte Rocha

O PROBLEMA

Era quase meia-noite e se podia ver a imagem ampliada e distorcida de duas figuras conversando em baixo tom, dentro de uma tenda de lona fina montada ao redor de um circo. A silhueta negra denotava que uma pessoa era baixa e gorda; a outra pessoa, alta, de barbas longas e parecia bastante agitada, visto que mexia nervosamente com os braços.

Dentro da tenda, apesar da brandura do tom de voz de cada um dos interlocutores, comprovava-se de que a conversa era nervosa e girava em torno de assunto delicado:

— Mas ele atrai a criançada, Dom Pedrito. Não podemos demitir ele assim de repente — disse o homem baixo e gordo.

— Chega desse sujeito, Amianto — retrucou um velhote de longas barbas almiscaradas; de rugas vastas na face e com olhos arrebitados e ameaçadores. — Ele vai ser demitido amanhã de manhã de qualquer maneira.

— E quem vai substituí-lo? Girão, o malabarista? — rebateu Amianto, em certo grau de ironia.

— Houdini, o mágico!

— Chefe! Houdini mal sabe representar o papel dele...

— Por isso mesmo — argumentou o velhote. — Houdini é um mágico tão ruim, que provoca gargalhadas ao invés de palmas e você já viu isso várias vezes. Vamos treiná-lo e orientá-lo amanhã.

— Você é quem sabe, chefe — conformou-se o sujeito baixo e gordo, sequenciando: ainda acho que o problema de alcoolismo de Bagaceira pode ser contornado. Ele dá muito trabalho nos bastidores, mas no picadeiro dá conta do recado muito bem e faz a alegria da meninada.

— Não importa. Ontem ele passou dos limites, Amianto. Aquela confusão que ele armou mexendo com a mulher do vereador foi o fim da picada.

— Penso que aquela senhora deu uma de esperta e eu acho que foi ela que deu muito mole para Bagaceira. Depois veio com aquele chique, quando os dois foram pegos agarradinhos no escuro depois do espetáculo da noite passada.

— Não tem justificativa. Todos os meus artistas sabem que não devem ter relação de tipo algum com os clientes da cidade onde o circo está se apresentando. Para mim chega. Ele está fora e ponto final — decretou Dom Pedrito.

O DESCARTE

O velhote era Pedrito Manolo, dono do Magnífico Circo Manolo, que se encontrava em turnê pelo nordeste do Brasil, mais precisamente na cidade de Trigueiro, no sudoeste baiano. O homem obeso, de nome Charles Amianto, era um antigo funcionário do circo, uma espécie de faz-tudo, secretário, tesoureiro, despachante, gerente de arte, etc.

No dia seguinte, quando o sol luzente daquela região brotou por trás das montanhas de pedra de cor de cobalto, os primeiros artistas do circo saíram de suas tendas e se encaminhavam para a barraca de alimentação, para degustar o frugal café da manhã. Amianto aproveitou a hora para tocaiar o palhaço Bagaceira (nome artístico de José dos Santos Villa) e levá-lo até um local ermo, onde poderiam conversar a sós. Olhou nos olhos de um assustado palhaço e disse, sumariamente:

— Zé, infelizmente devo te informar que você está dispensado do circo por ordem do nosso chefe Pedrito Manolo. Vá tomar café e depois passe na minha tenda para a gente acertar os seus direitos trabalhistas.

Bagaceira, desnorteado com a infeliz notícia, perguntou o motivo. Amianto novamente foi conciso:

— Essa sua bebedeira, Zé, ainda ia causar problemas. Conselho não faltou. Aquele incidente de ontem com a mulher do vereador foi o estopim da sua demissão.

Zé Villa, ou Bagaceira, despedaçado com o seu destino, acertou as contas com o encarregado, pegou os seus trapos e saiu de fininho do local onde estava armado o circo. Com os olhos lacrimosos, não teve coragem de falar com nenhum companheiro; nem mesmo se despediu do macaco Tião, um animal que ele tinha consideração como se gente fosse. Caiu fora e sumiu nas carreteiras poeirentas da cidade.

O FIASCO

Dois dias depois, uma quarta-feira, era dia espetáculo. O circo estava iluminado com luzes faiscantes e multicolores. Como era a última semana de apresentação da companhia naquela cidade, Dom Pedrito pediu esmero e capricho a todos os artistas. Queria um espetáculo de gala. O mágico que passaria a exercer a função de palhaço nos últimos shows, dizia estar seguro e que o treinamento que Amianto lhe havia dado era mais do que suficiente para agradecer a meninada.

Sete horas da noite. A música do alto falante do circo tocou esfuziantemente a famosa música “Vai começar a brincadeira”. Era o mote para avisar que os ingressos estavam à venda. Aos poucos, os habitantes do lugar iam chegando; eram caboclos, pardos, índios, negros, gente da terra Mongoió; famílias completas, sempre trazendo dois ou três pirralhos cada uma. Meia hora antes de começar o show da quarta, o primeiro da última semana, os 400 ingressos disponíveis já estavam vendidos. A pedido de alguns pais desesperados pela falta de bilhete, Amianto improvisou mais três dúzias de assentos, a rigor bancos de madeira que ficariam no espaço entre a arquibancada e o tablado.

Oito da noite. Desfraldaram-se as cortinas e a charanga de quatro componentes entrou tocando uma marcha animada. O homem da tuba quase se engasgou tamanha a empolgação da plateia. Então apareceu Dom Pedrito e deu início as apresentações: os malabaristas (aplaudidos); os trapezistas (aplaudidos); o engolidor de fogo (aplausos esparsos); as dançarinas (aplaudidas); os domadores e os seus animais (aplausos esparsos); as estripulias do macaco

Tião (aplausos relativamente calorosos); o mágico — na verdade, era o bilheteiro do circo que havia aprendido meia dúzia de truques — (apupos); um tenor também improvisado (apupos e vaias generalizadas). Por fim a plateia perdeu a paciência de vez e começou a gritar, em uníssono: Bagaceira! Bagaceira! Bagaceira!

Dom Pedrito, com o rosto vermelho como brasa e com semblante de assustado, anunciou finalmente a apresentação do pierrô.

— Com vocês, o maior palhaço do globo. Ba-ga-cei-ra!

Então o adorado palhaço finalmente entrou no tablado pela entrada principal do picadeiro, a mesma por onde entravam todos os artistas do circo. As pessoas que compareceram aos espetáculos dos dias anteriores estranharam o acesso, visto que Bagaceira sempre costumava entrar no picadeiro de surpresa por locais inusitados, como de trás da arquibancada, do teto do circo descendo por uma corda dos trapezistas ou montado num jegue vindo diretamente da rua.

Aconteceu que aquele palhaço era o mágico Houdini maquiado e trajado da mesma forma que Bagaceira e o mágico não enganava ninguém e não tinha o menor talento para cumprir o mister do humorismo. Resultado: começou a pipocar um apupo aqui; outro ali; depois vieram pequenos grupos de pessoas vaiando; cinco minutos depois o público todo vaiava e xingava o simulacro do palhaço Bagaceira:

“Cai fora, besta”, “Enganação”, “Queremos Bagaceira”, “Devolve meu dinheiro”, eram algumas reclamações que a plateia repetia. “Acabei de ver Bagaceira bêbado lá no bar de Aroeira”, disse um gaiato para tumultuar de vez o ambiente. O público então começou a atirar objetos no picadeiro: copos, sapatos, frutas, pequenas pedras, enfim, o dono do circo Dom Pedrito teve que aparecer e tentar acalmar o ânimo da turba, contudo sem obter resultado algum, tendo que encerrar o espetáculo ali mesmo, com a ajuda de dois policiais.

DIA SEGUINTE

Sentados na tenda principal do circo, Amianto dava conselhos para o seu chefe que se encontrava abatido e cabisbaixo:

— Dom Pedrito, não tem jeito: vamos ter que trazer Zé de volta, senão a gente não vai vender nenhum ingresso nos próximos três dias de espetáculo.

— E por onde aquele traste, Amianto? — retrucou o velho empresário de circo, emendando. — Prefiro vender esse circo do que ver a cara daquele cachaceiro.

— Não diga isso, chefe. Os artistas são pais de família e eles dependem do emprego aqui no circo. A maioria deles, pelo menos.

— Isso é uma verdade — anuiu Dom Pedrito.

ESPETÁCULO DO SÁBADO

Na sexta-feira não houve espetáculo, mas no sábado o bilheteiro (com a ajuda de alguns artistas) saiu pelas ruas na tentativa de vender ingressos e tinham um argumento forte para isso: o verdadeiro palhaço Bagaceira estaria de volta.

Resultado: casa cheia no espetáculo do sábado e promessa de superlotação nos dois shows de domingo.

ÚLTIMO SHOW DE DOMINGO

Com alguns minutos de atraso, o último espetáculo de domingo começou com a casa lotada de gente pendurada até nas traves que sustentavam a lona. Os malabaristas (aplaudidos); os trapezistas (aplaudidos); o engolidor de fogo (aplaudido); as dançarinas (aplaudidas); os domadores e os seus animais (aplaudidos); as estripulias do macaco Tião (aplausos em profusão); um verdadeiro cantor de bolero (aplaudidíssimo). Na hora da entrada do palhaço Bagaceira o circo veio literalmente abaixo: aplausos antecipados, gritos, elogios, um tiro...

Que acertou em cheio a testa do coitado José dos Santos Villa, o Bagaceira, que veio a óbito no mesmo instante, caindo com as mãos e as pernas abertas no tablado. Silêncio total no ambiente.

Todo mundo pensava que aquilo seria mais uma brincadeira do genial comediante.

De súbito, entrou no picadeiro um homem alto, forte, trajando terno e gravata e trazendo na mão direita uma pistola com o cano ainda fumegante. O homem olhou para o palhaço, que jorrava sangue pela testa tal qual um poço de petróleo perfurado; depois virou-se para a plateia e disse, em voz alta:

— Quem vai rir agora desse palhaço que gosta de mexer com a mulher dos outros.

Aquele homem grande, que havia chegado de viagem naquele dia, era o vereador Agostinho Augusto, marido da mulher com a qual Bagaceira teve um caso esporádico e repentino.

CONSEQUÊNCIAS

O vereador foi preso em flagrante e cumpre pena até a presente data... Dom Pedrito, profundamente ressentido com toda aquela tragédia, entregou o circo para os cuidados de Amianto e viajou para o sul do país em regime de aposentadoria definitiva... O palhaço Bagaceira teve enterro de autoridade da cidade de Trigueiro, com direito a velório e missa de corpo presente na igreja matriz da cidade... Um garoto de nome Jujuba, de apenas quinze anos, mas com grande talento cômico, e que não perdeu um espetáculo sequer, assimilou parte das palhaçadas de Bagaceira e foi aceito como palhaço assistente. Viria a se tornar famoso pouco tempo depois, sendo contratado para um programa humorístico de televisão. Enfim, morreu o palhaço, mas a alegria não pode morrer nunca.

O CAMINHO DA PRAIA

Jorge Sá Earp

O homem atirou a pequena bola no ar, esticou o braço encurvado para trás, mirou seu alvo e acertou-o com a raquete. A bolinha atravessou a quadra e foi ricocheteada pela arma do adversário do outro lado. O ruído contínuo do projétil nas raquetes e na areia vermelha, a coreografia do jogo, os jogadores de branco ao longe, ela assistia da mesa do bar àquele vai-e-vem monótono. O marido concentrado, o amigo se dirigindo à parede oposta para apanhar a bola, a raquete balançando o longo do corpo, como um pêndulo de relógio, os gestos em sinal de cansaço. À sua frente o copo e a garrafa de água mineral, ela se distraía contemplando as bolhinhas na água quando ouviu passos se aproximando. Virou-se e reconheceu o casal a quem fora apresentada na noite anterior no apartamento do amigo do Bill. Vieram ao seu encontro sorrindo, o mesmo sorriso educado, forçado, nada natural que ela tinha sentido durante o jantar, não somente neles mas também nos demais convidados. Contraíu-se imperceptivelmente, numa reação característica sua, ao rejeitar a companhia de estranhos ou recém-conhecidos.

- Oi. Taí sozinha? Mas cadê o Bill? Ah, ali, já jogando... esse homem é uma pilha. Foi dormir tarde e já está a toda... jogando tênis. – dizia a mulher logo se sentando, sem pedir permissão. Os cariocas eram assim, é?

- Desculpe, mas você sabe, com esse negócio de apresentação eu sou péssimo, aliás sou péssimo pra nomes... – foi falando o marido, cujo nome ela também tinha esquecido. O mesmo para a mulher.

Refizeram então as apresentações: Mabel e João Antonio. A custo pronunciou seu nome; não gostava dele, por isso o abreviava. Mesmo assim, lhe desagradava também a forma reduzida: Rose. Bem poderia ter sido batizada de Rosa, mas também não gostava de

Rosa. As Rosas que conhecera eram, em sua maioria, portuguesas. De brinquinhos dourados e buço.

- Rose, Rose: é isso mesmo. Agora me lembro. Acho que vou de água mineral também. – disse Mabel. – E você, João?

O garçom já estava a postos ao lado.

- Não sei: ainda estou pensando. – o homem respondeu com o rosto franzido, como se tivesse acabado de despertar.

- Não sabe porque ainda não é meio-dia. – Mabel comentou com Rose. – Se fosse ia já pedir uma cerveja.

- Ah, não é assim... – João Antonio reagiu fechando o pequeno cardápio. – Me traga também uma água, Ribamar, só que sem gás. Ah, e com gelo e limão.

- O Bill terminou o jogo. Olha só que ele vem chegando. Já viu a gente. – anunciou Mabel.

José Guilherme vinha caminhando na direção da mesa deles suado, com a raquete apoiada no ombro direito, o cenho franzido, vermelho. Sentou-se e também pediu água ao Ribamar. Estavam todos com sede depois da festa da noite anterior na casa da Ana Cristina e do Ricardinho, logo ali perto, na Vieira Souto, quase esquina com a Garcia D'Ávila. Mabel explicou para Rose tratar-se da zona mais chique do Rio, onde o metro quadrado era um dos mais caros do mundo, mais caro mesmo do que em muitas áreas de Nova York e Paris. Rose arregalou os olhinhos azuis, lembrou já haver visto aquela paisagem nas novelas mas não expressou o seu pensamento pois tinha percebido o quão mal considerados eram esses programas de televisão no meio que passara a frequentar depois do casamento com Zé Guilherme, cujos amigos, que sua mãe qualificava de grã-finos, chamavam de Bill. Chegara mesmo a cometer a gafe, não ontem mas em outra recepção, a primeira desde que se mudara para o Rio, logo a primeira, num apartamento belíssimo, tanto ou mesmo mais suntuoso do que o da noite anterior daquela Ana Cristina antipaticíssima, chegara mesmo a elogiar a atual novela das oito e percebera o mal-estar causado, o silêncio, os pigarreios, a expressão tensa e os olhos fuzilantes de Zé Guilherme, para ela sempre o Gui, o Guizinho.

- Ressaca braba, velho? – perguntou o Tônico.

- É. Um pouco. Esse gringo é foda, cara, mas acabei ganhando dele. – mudou o Bill de assunto depois de sorver um grande gole de água.

Mabel dava dicas a Rose sobre lojas de roupas e decoração, já que estavam montando apartamento novo (“Onde é mesmo, hein? Ah, no Leblon... Não sei por que, achava que era na Barra). Se ofereceu mesmo para levá-la a alguma dessas. No curto trajeto do estacionamento até a piscina, Mabel já comentara com o marido a desproporção das idades do Bill e da mocinha que ele “importara” de Santa Catarina.

- Ela é de Blumenau, né?

- Que Blumenau nada! Antes fosse! Aquilo é uma metrópole comparado ao lugarejo de onde ela vem. Até me esqueço o nome.

- Mas é um bocado bonita.

- Bastou ser garota pra vocês acharem bonita. Pra mim é um tipo completamente (a palavra vulgar alcançou-lhe a boca mas foi de imediato engolidada) comum. Como ela assim loirinha de olhos azuis, você encontra aos montes no sul.

- Mabel, querida, devo dizer que a sua língua difere muito pouco daquelas najas tailandesas que vimos em Bancoque.

O dia estava quente, Bill chamou a mulher para dar um mergulho na piscina. Ele sabia que Rose só poderia cair na parte rasa, morria de medo de água, seja doce, cheia de cloro ou salgada, já que nunca tivera aulas de natação. E enquanto o casal se banhava alegremente, o outro casal em volta da mesa comentava a troca que o amigo fizera de mulher.

- Pelo menos essa não tem aquele jeito sacana da primeira.

- Agora é você que está babando veneno.

Tônico sorriu malicioso:

- Não parece que vai botar o par de chifres que a Letícia botou nele. – e aí soltou uma gargalhada acompanhado de um riso forçado da mulher.

Quando voltaram com os corpos gotejando, Rose elogiando o banho, dizendo que precisava mesmo ter-se refrescado, encon-

traram a mesa com mais um casal. Este não estava presente na festa da noite anterior. Pelo menos Rose não se lembrava; havia tanta gente. Num dado momento, ou melhor, em vários, tinha se sentido tão deslocada, Zé Guilherme conversando animado com amigos a quem ela acabou de ser apresentada, tinha soltado a mão da sua, que ela fora se refugiar junto à janela. Ali se enternecera contemplando os reflexos da lua no mar. Ficara um tempo assim, já ia voltar para junto do grupo onde estava José Guilherme quando um sujeito meio bêbado veio se debruçar bem ao lado dela na janela. O hálito dele soprou forte em seu rosto. Ele sorria de um modo apalhaçado, forçado também como o de todos ali. Imediatamente, deu-lhe as costas sem responder à pergunta de como se chamava.

Agora Rosemary se via de novo cercada de grã-finos aborrecidos. Os homens conversavam sobre finanças, bolsa de valores, marcas de carro. Bolas brancas, bolas pretas, assunto enigmático para um leigo mas esclarecido por Guizinho justamente no caminho para o Country. As mulheres sobre lojas, roupas, etiquetas, grifes. A que chegara mais tarde perguntara pela segunda vez o seu nome e de qual cidade era originária. “Brusque”. – Rose respondeu mas a mulher apenas sorriu, aquiesceu e disse que do sul só conhecia Gramado e Canela. Tinha acompanhado o marido a negócios uma vez a Porto Alegre (“O Tatá acho que não gostou muito de eu ter ido, deve ter tem alguém por lá” – comentário ignorado pelo marido) e aí deram um pulo na serra gaúcha.

- Lindo o lugar. Você conhece? Ah, não? Ah, você é de Santa Catarina. Não sei por que achei que era do Rio Grande do Sul. Confundi. Como é mesmo o nome da sua cidade?

Mas não esperou a terceira resposta.

Deve ter dado meio-dia, Rose não tinha trazido relógio, aquele Patek Philippe comprado por Guizinho no free shop quando voltaram da lua-de-mel nos Estados Unidos, porque os homens pediram cerveja. As mulheres continuaram tomando água mineral.

Uma brisa veio refrescar um pouco, Rose alçou a cabeça (“Olhou só que cabelo bonito ela tem” - elogiou Mabel), viu um pã-saro de peito amarelo sobrevoando lá no alto e se levantou.

- Aonde você vai? – Zé Guilherme, que parecia entretido na conversa com os amigos, perguntou.

- Dar uma volta.

- Leva o chapéu. – sugeriu Mabel pinçando-o da mesa. – O sol está forte.

Caminhou primeiro no jardim do clube. Depois foi-se afastando, as vozes do grupo foram diminuindo assim como outras vozes de outros grupos, de frequentadores e de empregados. Rose alcançou o portão. Sem pedir nada, o porteiro deu-lhe passagem. A moça loura de chapéu de palha atravessou as duas mãos da avenida. Olhou para a esquerda e reconheceu o lugar: for num daqueles edifícios a festa-jantar da noite passada. Então era aquela a rua mais cara do Rio, segundo a amiga do Gui. Descobriu então um caminho aberto em direção à praia como se tivesse sido feito especialmente para os sócios do Country Club. Rose avançou. Ali era então a praia de Ipanema. À sua direita um morro com duas corcovas e à esquerda uma rocha menor. O mar se oferecia manso, expandindo seu rumor e seu cheiro Não havia muitas pessoas na areia. Algumas debaixo de barracas coloridas, outras estiradas em toalhas. Um casal jogava na beira d'água, onde crianças faziam castelinhos ou corriam atrás de bolas. Rose foi descendo em direção ao mar. Sentiu a diferença de temperatura da areia fofa para a areia escura e úmida, e a água fria molhou-lhe os pés. Um arrepião percorreu-lhe a espinha. Respirou fundo e súbito uma sensação enorme de liberdade tomou conta de todo o seu ser. Liberdade e alegria. Despiu-se então de camiseta, chapéu e bermuda e atirou-os na areia. Voltou a se aproximar da beira d'água. O mar pulsava como um ser vivo. Uma onda que desatou lá longe, veio espumante ao seu encontro até se desfazer completamente e enroscar-se nos seus tornozelos, como a gata Rebeca de sua avó. Rose fechou os punhos, retesou os braços e as costas por causa do frio. Mesmo assim prosseguiu mar adentro. Uma mulher ao seu lado caminhava corajosamente como se íntima do mar e logo mergulhou. Outra onda cresceu na distância. Era enorme, provavelmente ia engoli-la, derrubá-la, afogá-la. O medo a abraçou e a levou de volta para a

areia. Só que a onda foi mais veloz e, ao estourar, sua fúria cheia de espuma a empurrou tão fortemente que quase deu o vexame de cair sentada no chão de areia. Mas conseguiu firmar-se nos pés e mesmo cambaleante desembarcou são e salva na praia. Que vergonha. Todos ali deviam estar rindo dela. Não sabiam que no seu estado já tinha ido à praia; que conhecia o mar. O pai gostava de pescar e todas suas férias levava ela, a mãe e os irmãos para a costa: Itape- ma, Piçarras, Cabeçudas. Camboriú não: era muito cheio de gente. Lembrava Copacabana.

Não; ninguém estava olhando pra ela. Ao contrário do seu temor, quase ninguém notava aquela loura magra que chegou tropeçando do mar. Rose então se virou de novo para aquela imensidão azul e riu, um riso que veio frouxo. Agora sim vão pensar que era louca, rindo assim sozinha.

Vestiu-se, o vento ameaçou levar-lhe o chapéu, mas ela o segurou firme na cabeça e caminhou para o lado direito, o do morro com duas corcovas. Alguns passos e viu um guindaste que recolhia areia do fundo de um canal. Aliás, estava ali fixado um limite, uma fronteira. Contornou pela areia até alcançar a calçada. Ali havia uma mureta azul e branca. O sol batia a pino. Rose se deparou então com o Corcovado. O canalzinho passava por baixo da avenida beira-mar e continuava no meio de um pequeno parque ou grande praça, onde havia uma estátua até possivelmente o sopé do Corcovado. Meninos nadavam nas águas do canal. Rose prosseguiu: não era ali o bairro onde o Guizinho tinha comprado apartamento para ela? Ah, quando os pais viessem visitá-la que imensa surpresa não teriam. Eles haviam feito questão de que o casamento fosse celebrado em Brusque. E Gui não fizera a menor questão de fazê-lo no Rio. Rose tinha a impressão de que não se dava bem com a família. Os filhos a haviam recebido muito mal, e os velhos pais com certa distância. Absolutamente não confirmavam a imagem que os sulistas faziam dos cariocas. Rose então se manteve retraída, assim como costumava reagir quando a tratavam com frieza. Tampouco ousou perguntar a Zé Guilherme qualquer coisa sobre sua ex-mulher, de quem por sinal ele pouco falava. Uma vez mencionara que morava no estrangeiro. Tanto melhor assim.

Rose continuou andando sem receio do sol. Havia passado bastante protetor solar. Desceu de novo na areia. Aí foi tomada de uma surpresa ainda maior do que a com o guindaste: só havia negros naquela praia. Ela iria então morar numa praia somente frequentada por negros? Mas o Guizinho não tinha dito que o Leblon era o bairro mais chique do Rio?

- Não, senhora: o lugar mais chique do Rio é a avenida Rui Barbosa. - corrigiu sua ingênua frase a elegante da festa da noite anterior, com evidente cirurgia plástica no rosto.

Parou no meio da areia. Famílias negras debaixo de barracas, mulheres deitadas em toalhas, crianças brincando. Rose então se sentou perto da água. Contemplou então as pessoas se divertindo no mar, brincando com as ondas. O choque inicial foi amainando e se transformando numa espécie de enlace com aquelas pessoas. Agradável enlace. Sorriu para um menino e uma menina, que pareciam irmãos e que viram correr bem à sua frente. Logo surgiu a mãe bem magra a ralar com eles. Diante do sorriso compreensivo de Rose, a mulher abanou a cabeça como se dissesse: "Crianças são terríveis". E seguiu atrás de seus dois rebentos. Súbito um pé de vento arrancou-lhe o chapéu, que foi primeiro voando e depois rolando na areia escura da beira d'água. A mãe, há pouco atarantada com a traquinagem dos filhos, viu o bólido voador e correu atrás dele. Alcançou-o e o veio trazendo ofegante e rindo para Rose.

- Olha aí: quase você perde.

- Muito obrigada.

- Se ele tivesse ido parar no mar, aí ia estragar tudo. Ainda bem que hoje o mar num tá muito virado, senão tu ia perder.

Rose agradeceu de novo, abaixou ligeiramente a cabeça com o chapéu de palha nas mãos sentindo que havia corado.

- Cuidado com o sol. Você é muito branca.

- Botei protetor solar.

- Mesmo assim. Acho melhor tu voltar pra casa. O sol daqui não é mole, não. E tou vendo que cê não é daqui. É de onde?

Rose respondeu, esclareceu sobre sua origem.

A mulher abriu um imenso sorriso de volta e se sentou na areia, não sem antes gritar para os filhos conclamando-os a não saírem perto de si.

- Criança é fogo. Cê tem filho?

Rose fez que não com a cabeça. A mulher disse que não conhecia o Sul, que tinha vontade de ir, que devia ser lindo: tinha visto pela televisão.

- Senta aí. – ofereceu como se a areia fosse uma cadeira de sua casa.

Rose hesitante se sentou. A mulher informou se chamar Sebastiana mas que os amigos costumavam apelidá-la de Tiana. Rose sorriu ao ouvir isso e retrucou que as pessoas íntimas também haviam abreviado seu nome de Rosemary para Rose. Tiana contou que perdera dois filhos: um de parto, o outro atropelado ali pertinho, com oito anos, brincando de carrinho de rolimã. “Sabe o que é, não é? Não?!” – e explicou. Ao contar do acidente, seus olhos ameaçaram embaçar-se de lágrimas e a voz se estrangulou na garganta. Mas não chorou. Disse é a vida e continuou contando que se dava muito bem com o marido, com a graça de Deus, porque tinha muita conhecida e amiga que tinha marido que não prestava mas o seu, graças a Deus, era um homem bom, honesto e trabalhador. Tinha aqueles dois garotos e mais aquela ali miudinha, a Kelly, os outros dois eram o Nedilson e o Lenilson, gêmeos, e moravam ali pertinho na Cruzada.

- A senhora conhece a Cruzada? A Cruzada São Sebastião. Não?! É ali atrás, pra lá daqueles prédios ali. Tá vendo o canal?

Rose virou-se para trás, embora soubesse ou tivesse acabado de saber que ali havia um canal que corria até o sopé do Corcovado. E ao se virar, notou um homem gordo e escuro, debaixo de uma barraca vermelha, que acenava rindo para ela.

- É o meu marido. O Adilson. Tá chamando a gente pra ir lá na barraca. Aqui no Rio a gente não pode deixar as coisas d’a gente sozinha debaixo da barraca, não, senão roubam. Tá terrível o Rio. Num sei como é lá no Sul mas aqui! Hum. As coisa tão que a gente num pode dá mole, não. Vamu lá?

Desta vez Rose não se limitou a uma atitude corporal de hesitação mas expressou verbalmente a sua impossibilidade de ficar mais tempo na praia. Não só por causa da intensidade dos raios

de sol, porém explicou que o marido a esperava para almoçar; estava no clube com uns amigos.

- Ih, aquele clube ali é só de bacana. É o Country. Gente fina. Só ricoço. A senhora... devia ter te chamado de senhora desde o começo, né?

Enquanto andava até a barraca de Tiana, Rose pediu-lhe que continuasse a tratá-la de tu ou você.

- No Sul nos tratamos mais por tu.

- Aqui é uma confusão danada: às vezes é tu, às vezes é você. Aliás, o Rio é uma confusão danada. Já notou, né? – e aqui Tiana deu uma cotovelada íntima, acompanhada de uma risada, em Rose, que, ao se retrair, começava a se arrepender de ter cedido ao convite de Tiana. Pensou no Guizinho, em quanto ele devia estar já preocupado com a sua ausência.

Adilson estendeu-lhe francamente a mão sem se levantar e afastou-se para lhe dar lugar debaixo da barraca. O dia se fazia cada vez mais quente, abafado. Tiana se sentou em frente a elas. Parecia pouco se importar com os efeitos maléficos do sol. Logo chegaram as crianças em algazarra. Um dos garotos, ao se atirar no chão, provocou uma avalanche de areia em Rose, que se encolheu e pensou de novo em agradecer o convite, se levantar e retornar ao clube. Tiana berrou uma bronca no Nedilson, que a princípio rindo logo se ensimesmou, trombudo.

Adilson era um homem simpático. Afável, de boas maneiras. Era pedreiro. Às vezes trabalhava numa obra, às vezes era autônomo. Se virava. Tiana era doméstica. No momento trabalhava em três bairros diferentes: um em Copacabana, um no Flamengo e outro na Urca. “Hoje em dia ninguém quer saber de botar carteira assinada. O jeito então é a gente trabalhar de diarista”.

De repente o tronco de Adilson se virou totalmente para trás e se encurvou.

- Já vai beber, ôme!

- É, vou: tá na hora. A senhora – desculpa – você vai querer uma cervejinha também?

Rose recusou com um gesto de mão sorrindo. Tiana, apesar da observação crítica, pediu uma. Ajoelhada na areia, com os

olhos brilhantes de curiosidade, queria saber da vida de Rose. A catarinense respondia. No fundo, estava achando divertido aquela entrevista. Não tinha segredos. Para que tê-los? Acabou aceitando uma segunda oferta de cerveja por parte do autointitulado barman Adilson.

- O Adilson trouxe até caipirinha. – informou a mulher. – Mas eu acho muito forte pra tomá aqui na praia. Com esse sol... ele traz tudo: coca-cola, mate, sanduíche pras crianças. Eu só faço os sanduíches, a mala é ele que faz. – e soltou uma gargalhada gostosa.

Rose contou do seu casamento recente, da sua Brusque natal, dos pais, dos irmãos, do marido mas era todo o tempo interrompida por Tiana, com sua verve cômica. O marido quase não falava; assistia atento à conversa, sorrindo ou rindo de vez em quando.

Logo os garotos se juntaram a eles. Estavam com fome.

- Num come muito senão cês num almoçam. Ô Adilson, acho que fez muito sanduíche... Qué um, Rose?

Ela então anunciou que já ia indo. Agradeceu. O sol estava muito forte. O marido já devia estar inquieto coma sua ausência. O casal insistiu que ficasse.

- Queria muito ir no Sul, né Adilson? Mas a grana tá sempre curta. É difícil hoje em dia criar essas crianças. Tá tudo muito caro.

Os meninos olhavam e escutavam atentamente a mãe comendo seus sanduíches e se besuntando com a manteiga.

De repente, Tiana se levantou e disse ao marido que era melhor eles também irem levantando acampamento.

- A gente é preto mas o sol também queima. Não, não vai tomar outra caipirinha, não, Adilson: já chega. Vam'bora. Olha, D. Rose, foi um prazer..

Rose escutou então seu nome sendo gritado na distância. Ajeitou o chapéu na cabeça pois o vento queria de novo levá-lo e girou o rosto na direção da calçada lá onde o guindaste recolhia areia do canal. Ao longe distinguiu José Guilherme acenando. Despediu-se rápido da família e caminhou de encontro ao marido. Súbito estacou e acenou para ele também. A alegria conferida pela cerveja sugeriu-lhe que chamasse o marido para apresentá-lo à família

recém-conhecida. Mas Zé Guilherme ficou imóvel, agora com as mãos nas cadeiras com ar aborrecido. Sua figura de óculos e boné, um boné que devia ter-lhe sido cedido por alguns de seus companheiros de mesa do clube, pareceu ridícula a Rose por um breve instante. Ele gesticulou ordenando que ela fosse se encontrar com ele na calçada.

- É o seu marido, é? - Tiana ainda perguntou enfiando com dificuldade uma camiseta na pequena Kelly. Rose respondeu afirmativamente com a cabeça e correu em direção a Zé Guilherme. Ao alcançá-lo, recebeu o primeiro puxão de orelha desde anos. Só sua mãe havia lhe dado um puxão de orelha quando guria. Foi uma dor imensa. E atordoada ficou com os gritos proferidos por Zé Guilherme:

- Você ficou louca? Você não sabe o perigo que você tava correndo? Você não conhece o Rio, Rose! Como é que você se mete na praia e sai andando aí feito uma louca e sai conversando com qualquer um? Hem? Responde! Você sabe o que é a Cruzada? Hem? Sabe?

- Fala baixo, Gui... As pessoas estão nos olhando.

Ela percebia o seu rosto quente de rubor. José Guilherme berrava e gesticulava tanto que parecia ir agredi-la no meio da rua, naquela calçada margeada de coqueiros e atravessada por banhistas e esportistas de diversas idades. Vendedores de quiosques também observavam espantados a cena do homem prestes a investir sobre a moça frágil e pálida, com um ligeiro rosado nos ombros.

Os olhos de Rose então se embaciaram de lágrimas. Por que ele se comportava daquela maneira? Tão brutal? E não parava de censurá-la aos gritos. Por fim, alcançaram o portão do clube. Ali José Guilherme pareceu se acalmar. Arfava encarando Rose fundo nos olhos com raiva evidente. Seu choro se descontrolou, e ela soluçava ali em pé em frente a ele.

- Agora para com isso que a gente vai entrar e encontrar com eles.

No apart-hotel, onde eles estavam provisoriamente enquanto as obras no novo apartamento não terminavam, Rose caiu

direto na cama e chorou convulsamente no travesseiro. Não tinha feito nada demais – era o que tentara dizer ao marido no carro de volta, surdo ele estava para seus argumentos de defesa. Sua vontade agora era arrumar as malas e voltar direto para casa, para o Sul, para Brusque, a casa dos pais e pedir divórcio depois.

No chuveiro Zé Guilherme lançava palavras consoladoras. O rumor da água cessou, e ele veio ao encontro de seu corpo de brucos na cama. Caiu nu sobre ela e a acariciou soprando-lhe ao ouvido palavras mornas, estofadas com veludo.

Rose cedeu, mas uma raiva imensa tomou conta dela depois que ele terminou.



**ORAÇÕES
ACADÊMICAS**

VLADIMIR CARVALHO, DE SÃO SARUÊ A BRASÍLIA

RECEPÇÃO NA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

Edmílson Caminha

Com Vladimir Carvalho, o cinema brasileiro, nesta noite de pompa e de gala, chega à Academia Brasileira de Letras. Instituições acadêmicas literárias nunca me pareceram destinadas exclusivamente aos que têm a escrita como profissão ou como trabalho maior. A exemplo da Academia Brasileira de Letras, ilustrada por nomes com a grandeza do diplomata Barão do Rio Branco, do inventor Santos Dumont, dos cientistas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas Filho, dos médicos Deolindo Couto, Antônio Austregésilo e Paulo Niemeyer, do economista Celso Furtado, do compositor e músico Gilberto Gil, da atriz Fernanda Montenegro, dos cineastas Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues. Pessoas que, preeminentes em seus afazeres, distinguiram-se ontem, e destacam-se hoje, por escrever bem, com apuro, correção e elegância. Ponha-se agora, nessa galeria de notáveis, o paraibano-brasiliense Vladimir Carvalho, diretor de cinema, documentarista famoso e brilhante homem de cultura.

Deixe-se claro que o novo acadêmico se empossa na Cadeira número 38 não apenas pelos grandes filmes que o consagram, mas também como o autor de artigos, memórias e análises que se reúnem no livro *Jornal de cinema* (São Paulo : É Tudo Verdade, 2015). Textos claros, objetivos, corretos, como nota Amir Labaki, na apresentação: “A elegância do estilo de Vladimir espelha sua sólida formação literária. A precisão e o dinamismo remetem às experiências pontuais no ofício de jornalista, de colaborador eventual a

repórter em tempo integral, como ganha-pão no período mais duro da ditadura militar”. Leia-se, por exemplo, o que diz de José Américo de Almeida, o lendário político paraibano que se dispôs a recebê-lo:

Homem feito, eu achava a figura inatingível, posto a salvo da abordagem do restante dos mortais, na redoma sagrada em que o mantinha uma confraria de admiradores. Até que um dia, no exercício do jornalismo, fui colocado *vis-à-vis* com o mito, realizando uma entrevista com “o velho”, como o chamavam na Paraíba. Ele já estava na fase do recolhimento da praia de Tambaú fazia cerca de dez anos, em meados da década de 60. Reserva moral da Nação, como diziam, mas sem mandato, fazia pensar num navio velho encalhado no mar sereno do Cabo Branco.

Com saber de historiador, Vladimir compõe um abrangente painel do filme documentário brasileiro, a partir do célebre *Aruanda* (1959), de Linduarte Noronha, que o teve como assistente. Sua “luz nordestina, que explode como se fosse sempre meio-dia, sol a pino, com o mundo pegando fogo, agredindo retinas e ambientes”, torna a película, “até o lançamento de *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos, a mais resoluta e contundente proposta de cinema brasileiro”. É o marco fundador da geração paraibana em que o crítico Paulo Emílio Sales Gomes percebeu uma “inelutável teimosia”, tamanhas as carências e dificuldades que se antepunham àqueles jovens com o sonho de fazer cinema.

Iniciava-se a década de 1960, quando na provinciana João Pessoa, e em muitas outras cidades brasileiras, multiplicavam-se os cineclubes (como o de Fortaleza, dirigido por Eusélio Oliveira) e as sessões dos “cinemas de arte” no circuito comercial. Nas do Cine Diogo, em Fortaleza, às 11h da manhã de sábado, experimentei a emoção de assistir, pela primeira vez, a *Teorema*, de Pasolini, *Persona*, de Bergman e *Sempre aos domingos*, de Serge Bourguignon. Tempo em que se desencadearam paixões de uma vida inteira, como a do paraibano de Picuí que não por acaso se chama “Ivan Ci-

neminha”, dono de dezenas de cadernos em que, desde a juventude, anota minuciosamente a ficha técnica dos milhares de filmes a que assistiu. Conhecimento profundo que o fez desmentir, no “Programa do Jô”, ninguém menos do que Anthony Quinn, que dissera nunca haver trabalhado atrás das câmeras, como diretor. “Trabalhou, sim. É que o filme não é bom, e ele prefere esquecer...”

Antes, milhões de espectadores divertiam-se com as comédias da Atlântida, recheadas de músicas e de histórias de amor, protagonizadas por Oscarito, Grande Otelo, Cyll Farney, Eliana, José Lewgoy, Dercy Gonçalves e Zé Trindade. Tão rendosas para Luiz Severiano Ribeiro, dono da produtora e de centenas de salas de cinema pelo Brasil, que incomodaram Hollywood, lembra Vladimir:

Foi tal o êxito da chanchada, mesmo desprezada como gênero chulo pela intelectualidade, que, segundo se diz, motivou a vinda para o Brasil daquele que seria uma espécie de xerife do cinema americano, o louro e bigodudo Harry Stone. Ele trataria de dissuadir Severiano de continuar produzindo a chanchada, que claramente tomava espaço dos filmes de Tio Sam no mercado exibidor. Como a rede de cinemas de Severiano também dependia de contratos com as distribuidoras americanas para exibição dos filmes de Hollywood, terminou por capitular. O advento da TV no Brasil e seu consequente impacto sobre o público fizeram o resto, e a chanchada foi aos poucos sendo arquivada.

Depois veio o Cinema Novo, com Glauber Rocha, Leon Hirszman, Joaquim Pedro de Andrade, Arnaldo Jabor, Cacá Diegues, que Vladimir Carvalho comenta com lucidez e honestidade crítica, em prefácio para o livro de Pedro Simonard sobre a geração que ganharia prêmios em festivais e resenhas lisonjeiras nos *Cahiers du Cinéma*:

Uma evidência que salta aos olhos neste ensaio tão sensível é que uma circunstância do Cinema Novo, talvez a mais marcante, o seu viés messiânico de dono da verdade, quase anula a sua proverbial veia contestadora e inconformista, atestando de certo modo a sua alienação e inata identificação com a classe dominante, como a reiterar que “a ideia dominante é a ideia da classe dominante”.

Momentos de peso na cinematografia nacional ganham testemunhos históricos de quem os viveu em pessoa. Assistente do diretor Eduardo Coutinho no célebre *Cabra marcado para morrer*, Vladimir e companheiros interrompem as filmagens no Engenho Galileia, interior de Pernambuco, ante a notícia do golpe militar que depusera Jango. Escondidos câmera, tripé e acessórios no meio do mato, o grupo caminhou por entre espinhos e pedras do sertão, milagrosamente a salvo dos jipes do Exército em patrulha pelas redondezas. Foi quando o aprendiz de cineasta soube que, documentarista por vocação e escolha, jamais provaria o *glamour* dos tapetes que levam às palmas de ouro de Cannes e aos leões de Veneza: em sociedades injustas e violentas como a nossa, fazer documentários é expor-se corajosamente aos riscos da denúncia, do desafio, do confronto perigoso com tiranos e corruptos. Ante a força de quem podia prender, torturar e dar sumiço, crismava-se o diretor do longa-metragem que chegaria às telas em 1971, pela obstinação com que vencera toda espécie de contratempo e obstáculo:

Nascia o embrião de *São Saruê*, com filme vencido, rebatedores feitos de quadros-negros dos grupos escolares; rapadura e farinha, pouca água. Um dia esquecemos um monte de latas da película já rodada em cima de um lajedo; quando voltamos pela caatinga espinhenta já era meio-dia, o sol no zênite, torrando tudo. As latas de filme estavam como chaleira quente fervendo, mudou toda a composição química, e o resultado é a textura pulverizada de areia que o documentário apresenta hoje, e os críticos

dizem que foi “a troca do conteúdo pela forma através de uma imagem trepidante”. Que nada...

A *O país de São Saruê*, juntam-se *O homem de Areia* (1982), *O evangelho segundo Teotônio* (1984) e *O engenho de Zé Lins* (2006), referências do que se pode compreender como “ciclo nordestino” na obra de Vladimir Carvalho. A homenagem ao romancista de *Fogo morto* é das maiores que já se fizeram a escritores brasileiros, com passagens comoventes. No leito em que morria de câncer, sem forças para aliviar a comichão nas partes íntimas, Zé Lins pede ao amigo Thiago de Mello que lhe coce os “quibas”. Lembrança que o poeta revive, entre lágrimas: “Eu meti a mão pela calça do pijama e cocei...”, gesto de grandeza que nem todo homem teria para com o pai.

Conterrâneos velhos de guerra (1990), *Barra 68, sem perder a ternura* (2000) e *Rock Brasília – Era de Ouro* (2011) destacam-se no “ciclo brasileiro” do diretor. O primeiro é um clássico, a ser obrigatoriamente citado em qualquer estudo sobre a construção da nova capital. Com inteligência e argúcia, Vladimir arranca a verdade de quem, no teto da casa-grande, dá as costas aos que se amontoam na senzala. Insolentes o bastante para, sob o tacão do AI-5, invadir a Universidade de Brasília, humilhar professores e perseguir estudantes, violência que *Barra 68* mantém viva na memória dos que a sofreram e no espírito alerta dos que nos recusamos a tê-la de novo. Tempos medonhos cuja trilha sonora poderia ser das bandas Capital Inicial, Legião Urbana e Plebe Rude, a dizer e a cantar que ainda assim não se deve perder a esperança, com o valor que lhes confere o cineasta: “Este *rock and roll*, que ganharia a mais extraordinária visibilidade nacional, é o primeiro e mais bem-sucedido produto de toda a cultura saída da estufa brasileira”.

Acresçam-se, a tantos documentários que nos dão verdadeiras lições de História, *Cícero Dias, o compadre de Picasso* (2016) e *Giocondo Dias, ilustre clandestino* (2019). Essa, a obra do diretor que faz de um filme bem mais do que “a maior diversão”, segundo aquele velho *slogan*. Para Vladimir Carvalho, cinema é realidade, cultura, história, documento, verdade, saber, a juntar as pontas de

dois Brasis, a dos pobres de São Saruê e a dos loucos que, no dia 8 de janeiro, dançaram na Praça dos Três Poderes a quadrilha da infâmia.

São muitos os grandes nomes que a cultura brasileira deve à Paraíba: o pintor Pedro Américo, o poeta Augusto dos Anjos, os escritores José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Ariano Suassuna, o teatrólogo Paulo Pontes, os músicos Jackson do Pan-deiro, Sivuca, Geraldo Vandré, o fotógrafo e diretor de cinema Walter Carvalho... Acrescente-se, a esses paraibanos ilustres, o cineasta Vladimir Carvalho, que tenho a honra e a emoção de saudar nesta noite memorável para a Academia Brasileira de Letras.

Estivéssemos todos sentados a uma grande mesa, o lugar mais importante seria o vosso, Confrade que chega, fosse qual fosse o lugar que ocupásseis. Parodio a sábia sentença de Dom Quixote a Sancho Pança: “Onde está a cabeça está a cabeceira”. Vós sois a cabeça, Vladimir Carvalho!

Muito obrigado.

DISCURSO DE POSSE DE VLADIMIR CARVALHO

Boa noite a todas e todos aqui presentes. Saúdo a distinta mesa, o presidente da Academia Brasileira de Letras-ABrL, Fabio de Sousa Coutinho e o Secretário Edmilson Caminha, hoje substituído honrosamente por Roberto Rosas. Eles, meus diletos amigos, é que conduzem a ABrL com tanta proficiência e amorosa dedicação. Justamente nesse momento tão auspicioso em que esta casa comemora os seus 55 anos de venturosa existência. Também devo uma vênia especial a todos os senhores acadêmicos que generosamente sufragaram o meu nome, elegendo-me para aqui estar.

A bem da verdade, porém sem soberba nem falsa modéstia, devo afirmar que não postulei e nem me candidatei. Candidataram-me! Jamais passou pela minha cabeça tamanha pretensão de me ver um dia gozando do privilégio de tão insígne convívio.

Mas fui envolvido num torvelinho, numa onda benfazeja de astúcia e afetividade, tão bem urdida, que não me restou alternativa a não ser capitular diante do fato consumado. Eu, que aos 88 anos já enfrentei o primeiro e o segundo tempo do futebol da vida, me vejo jogando a inexorável prorrogação. Como todos nós temos o seu dia de narciso, eleito que fui, passei a me achar (!) como se diz hoje, levantando numa passageira nuvem de amor próprio.

Até que acordei e voltando ao mundo real fui auscultar na memória e nos livros algo sobre essa tão corriqueira vaidade humana. E apaziguei-me quando li que o grande Machado de Assis costumava dizer e sem pudor, que as melhores e plenas digestões que experimentara na vida eram aquelas que aconteciam após os banquetes e jantares que lhes eram oferecidos em sua homenagem.

Também lembrei-me de ter ouvido do próprio Câmara Cascudo, o enciclopédico mestre de nossa cultura popular e eru-

dita, que desdenhava de louvores e elogios, considerando-os como “Mentirinhas”! Mas que ele, mesmo assim, as curti e adorava.

De Luís de Camões recolhi essa pérola sobre a outorga de títulos e honrarias, tantas vezes citada, aspas, “Melhor é, merecê-los sem os ter. Que possuí-los sem os merecer”.

E ainda encontrei essa curiosa passagem contada por nosso ilustríssimo confrade Marcos Vinícios Vilaça, que por sua vez a ouvi do saudoso Josué Montello e que é protagonizada por Miguel de Unamuno. O gênio por todos venerado, ao receber a mais alta condecoração espanhola das mãos de Afonso XIII, disse ao Rei que, de fato, merecia a distinção. Ao que Afonso XIII replicou: “Senhor Unamuno, aqueles a quem tenho conferido igual distinção nunca deixaram de dizer, ao recebê-la, que não a mereciam”.

Sem agredir ao Rei, nem aos homenageados, Unamuno respondeu: “Tinham razão eles, majestade. Tinham razão”.

Enfim, o fato é que ingresso nesta Academia de tantas glórias pela mão providencial de Fábio de Sousa Coutinho e inflado por seu eficiente assecla Edmilson Caminha, tão múltiplo e tangenciando a ubiquidade com sua Mala na Cabeça, globe trotter que é, com escalas eventuais em Brasília!

Então embarquei na lábria dessa dupla tão sedutora e artilosa. Em dia com o que se passa no mundo acadêmico brasileiro identificaram-se eles com o espírito de renovação criadora levado a cabo na Academia Brasileira, desde a gestão de Marcos Vinícios Vilaça. Foi o autor de “Coronel, Coronéis” que, num brado retumbante, escancarou as portas do Petit Trianon.

Foi ele que gritara, percuciente: “Mas por que não ampliar horizontes?”, para ele mesmo responder: “Declaro-me contente pelo acerto em fazer com que sejamos cada vez mais uma Academia de Letras não apenas literárias, mas decididamente voltada para as humanidades. (...) A Academia não pode ser monocultural.” E ele o conseguiu.

Não posso esquecer, pois fui testemunha ocular, da festa popular em que se transformou a noite da posse do cineasta maior, Nelson Pereira dos Santos que se alçava, em lance pioneiro aos qua-

dros da ABL. Os jardins do palacete da avenida Presidente Wilson regorgitavam de gente com a presença da excitada turba cinematográfica invadindo o recinto, pois ali fora para aplaudir o seu grão mestre e condutor. Penso mesmo que jamais aconteceu uma consagração tão autêntica e ruidosa como aquela e que se estendeu noite adentro, certamente com significativo abalo na adega da casa de Machado de Assis.

Talvez o evento tenha assustado os varões mais antigos e conservadores daquele cenáculo. O mesmo choque que experimentara os espíritos mais retrógrados da Academia Francesa com a entrada de René Clair já consagrado por seus filmes, nos anos 40 do século passado.

O que é certo é que o ruído provocado por Vilaça transformou-se em doce melodia e Cacá Diegues, também cineasta, entrou na vaga do autor de Rio Quarenta Graus, e abriu caminho para Gilberto Gil, cantor e compositor e animou candidaturas outras que não de poetas e escritores estrito senso. O importante é que o legado de Marcos Vinícios Vilaça vem alcançando repercussão em outras congêneres. Não consigo interpretar de outra maneira o ingresso, por exemplo, do notório artista Carlos Bracher, o pintor das montanhas de Minas e do casario de Ouro Preto, no quadro da Academia Mineira de Letras, com a manifesta cumplicidade e o decisivo patrocínio de Angelo Oswaldo, líder absoluto daquela nossa congênera.

No caso do cinema é ocioso lembrar que há muito ele se incorporou aos cânones da cultura universal tornando-se presença inarredável no mundo, influenciando e modificando o comportamento social das massas e o modo de pensar o homem como indivíduo e a sua história.

De início muito marcado pelo teatro, cedo o cinema encontrou linguagem própria quase sempre assimilando os avanços tecnológicos, acumulando até hoje denso cabedal estético e teórico. A tal ponto que Alexandre Astruc, um dos maiores da Nouvelle Vague, avançando o sinal escreveu longo ensaio no qual afirma que se René Descartes tivesse vivido nos dias atuais se trancaria no seu

quarto e com os equipamentos de que dispomos hoje escreveria o Discurso do Método com uma câmera de cinema. Astruc é o criador da expressão câmera *stylo*, ou seja, a câmera-caneta que nos legaria uma nova escrita, a do cinema.

O que vale dizer que os cineastas também podem ser considerados escritores. E penso que aqui e agora não estou advogando em causa própria.

Dou início, portanto, desde já ao que reputo honrosíssimo para mim, qual seja a realização do elogio de minha antecessora na cadeira que aqui passo a ocupar, a da escritora, pesquisadora e educadora Branca Bakaj, de notável memória.

Conheci pessoalmente, embora de passagem, a autora de “Quatro Estudos Literários”, nos idos e vividos anos de 1970, em primeiro lugar no âmbito da vida social de Brasília, apresentado que fui por uma amiga comum, também escritora, Gilda Salem Sklo, na residência desta, justamente em recepção dedicada a Bakaj. Afável e atenciosa, passou-me desde ali a sensação de estar diante de uma personalidade culta e marcante, mas contida e solícita, inspirando logo a admiração de todos. Impressão que se repetiu em outras ocasiões do mesmo gênero.

Depois, como professor da Universidade de Brasília, pude inteirar-me de sua intensa atuação nas lides universitárias da cidade, onde viria a deixar sua marca de mestra irrefutável, nas cátedras de Literatura Brasileira e de Teoria Literária, no Centro Universitário de Brasília, o nosso conhecido CEUB. Oriunda do Rio de Janeiro, onde cursou a Faculdade Nacional de Filosofia, trazia na sua bagagem o fato nada desprezível de ali ter sido discípula nada mais, nada menos, do que dos luminares Alceu Amoroso Lima e Manuel Bandeira, registro indelével que ficou para sempre em seu espírito e sensibilidade.

Branca Bakaj iria muito além de sua operosa atuação no magistério logo que aqui chegou, com atuação não só no CEUB mas também junto ao Senado Federal, a Fundação Educacional do Distrito Federal e a Secretaria de Educação contribuindo com a

sua acuidade e especial tino didático em nível superior, incluindo nesse rol a Universidade de Brasília, sob o signo de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Toda essa trajetória está consignada nos anais dessas instituições.

Entretanto, considerando o seu talento e formação, era natural que desenvolvesse no campo da literatura um viés insospitável, num tropismo que iria abranger a narrativa e o ensaio, na seara do conto, da crônica e da pesquisa. Na ficção há de se considerar as histórias curtas “O Resgate”, “Companheiros da Noite”, “Devaneios dentro de mim mesma”, sem falar das crônicas, como a saborosa “No creo em brujerías”. Mas é na formulação ensaística onde mais se destaca sua atividade intelectual. Nesse labor, seus títulos por si só indicam essa vocação: “Eros e Tântatos em Florbela Espanca”, “Sobre Laços de Família de Clarice Lispector”, “Alegoria da Modernidade em São Bernardo, de Graciliano Ramos”, “Os Contos de Machado de Assis”; “A Mulher na Poesia Hispanoamericana”; “A Educação Cavaleiresca e sua projeção na Península Ibérica” e “O Universo Judaico em Moacyr Scliar”, entre outros.

Com o propósito de melhor destacá-lo desse conjunto e porque muito me impressionou, não incluímos nessa relação o breve mas feliz e agudo estudo do romance “Macunaíma”, de Mário de Andrade, inserido no pequeno volume intitulado “Quatro Estudos Literários” que veio à luz no hoje distante ano de 1989. É no mínimo curioso como Bakaj se antecipava às considerações da crítica de hoje em relação ao autor paulista, mormente a que se refugia nos escaninhos acadêmicos, distantes da qualidade do material dos suplementos literários que fizeram a glória dos grandes jornais brasileiros, sobretudo os das décadas de 50, 60 e 70 do século passado.

No caso da fecunda interpretação da célebre rapsódia marianoandradiana, a nossa autora atualíssima tem postura e desempenho muito próximos das observações e pontos de vista sempre brilhantes do muito festejado crítico e professor, José Miguel Wisnik.

É o que se pode deduzir pela leitura de recente e longo ensaio deste escritor, publicado na prestigiosa revista Piauí (número

109, de outubro último). E me refiro exclusivamente a parte tocante a “Macunaíma”.

Não à toa, o nosso dileto confrade Danilo Gomes, sempre atento, acertava na mosca quando observava no prefácio de “Quatro Estudos Literários”, de nossa antecessora, afirmando: “Dos inconvenientes do fanatismo na abordagem da obra literária está isenta Branca Bakaj, que pauta sua análise pelo equilíbrio judicativo e pelo cuidado em dissecar a obra buscando seus elementos estéticos, primacialmente”. E acrescentando: “Assestando seu equipamento analítico sobre objetivos delineados e utilizando linguagem técnica, mas não tediosa ou pedante, só atingível por iniciados nos desvãos da crítica universitária, a autora nos oferece páginas da maior importância no âmbito da literatura luso-brasileira”.

Elogio maior não se poderia tecer àquela que merecidamente foi imortalizada ingressando nessa ... melhor dizendo em nossa academia!

Depois desta pausa que também é reverencial, porque destino-me a lembrar do nome e da obra do patrono da cadeira 38 que irei humildemente aqui ocupar. Raul de Leoni, embora nascido em 1895, ano que o cinema, vejam só, senhoras e senhores, ano em que o cinema aporta barulhento no Rio de Janeiro como um sinete de modernidade, ele não aderiria mesmo depois, já na flor de sua idade, à onda modernista da Semana de 1922, o que seria natural para alguns. O seu barato era outro: algo sobrepassava excepcionalmente entre o simbolismo e o parnasianismo que se despediam da cena. Introspectivo e triste refugiou-se em sua vivenda na serra petropolitana, profundamente deprimido em virtude da morte de um filho ainda criança. Raul viria falecer ali aos 31 anos, em 1926, vítima de tuberculose.

Deixou um único livro publicado, “Luz Mediterrânea”, o qual foi suficiente para dar-lhe nome entre os melhores poetas da geração neoparnasiana.

Para Manuel Bandeira ele era o que apresentava maiores possibilidades de sobreviver, a julgar pelas reedições de sua obra, pois que “a emoção filosófica situa-o em posição quase solitária na

poesia brasileira.” Por sua vez, Sérgio Buarque de Holanda segue na mesma linha: “Raul de Leoni figura na literatura brasileira, como Augusto dos Anjos, numa tendência revolucionária. Não chegou a escrever na revista ‘Klaxon’, do movimento modernista, mas tinha admiração pelo mesmo. Raul publica “Luz Mediterrânea” exatamente em 1922, início da nova corrente poética”.

São inúmeros os depoimentos mais categorizados, das mais diferentes cabeças que se debruçaram sobre “Luz Mediterrânea” e se dobraram à sua qualidade estética, entre eles Sergio Milliet, Múcio Leão, Ribeiro Couto, Tristão de Ataíde, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Ronald de Carvalho e Edgard Cavalheiro. Saliente-se o longo ensaio numa simples plaquete, de autoria de Walter Benevides, que me foi presenteada por Fabio Coutinho, e que me foi de enorme valia. Porém, para consagrá-lo bastaria o que sobre ele escreveu o poeta maior do país, pertencente à geração posterior a da Semana Paulista. Assim se expressou Carlos Drummond de Andrade: “É um poeta diferente, de expressão muito cuidada e elegante, mas que não se confunde com os cultores do parnasianismo em agonia. O modernismo ainda não surgira: e o simbolismo já não dava mais frutos. É um espírito imbuído do pensamento clássico, a que acrescenta um desencanto moderno, de sentido filosófico. Esse poeta não fará escola: demasiado civilizado, sua aristocracia natural há de marcá-lo e isolá-lo.”

Queridos amigos, senhoras e senhores,

A fila dos que admiraram e abonaram as excepcionais qualidades da poética de Raul de Leoni é extensa demais para o tempo que já lhes tomei.

Espero ter realizado a contento o que me cabia fazer.

Devo agora reiterar os meus agradecimentos a todos os amigos pelo comparecimento nesta noite e àqueles que me proporcionaram conquistar o galardão que me foi destinado. Em particular, reitero a minha gratidão ao presidente Fabio de Sousa Coutinho e ao Secretário Edmilson Caminha, pela atenção que me dispensaram, especialmente assistindo-me e orientando-me com sugestões, informações e livros, bem como nos tramites que antecederam esta

posse. Quero ainda - e sobretudo - manifestar o meu regozijo e satisfação de aqui estar justamente na data em que se celebra a passagem do quinquagésimo quinto aniversário de nossa Academia.

Considero auspicioso e salutar o fato dessa efeméride ocorrer exatamente quando o nosso país vem de conhecer um novo tempo e uma nova perspectiva, no sentido de superar um tenebroso quadriênio marcado por ingentes padecimentos e sacrifícios de sua comunidade. Falo não só da terrível pandemia que assolou o planeta, mas da macabra figura que a ela se acoplou aqui, trazendo uma onda infernal de ódio e destruição ao Brasil. Como sempre acontece nos regimes fascistas e autoritários.

Enfim, nesse nefasto quadro cabe registrar o enorme sacrifício a que foram submetidas as artes, a cultura, a ciência e a educação no país. Para recuperarmos esses bens tão valiosos e tão prementes, só nos resta lutar por eles, e reconstituí-los. À luta, portanto, por que a vida continua...

Obrigado a todos, tenho dito.

ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS - ABRL

Quadro Acadêmico e Patronos

Marcos Vinícios Vilaça

Cadeira I (Alberto Torres)

Max Telesca

Cadeira II (Antônio de Alcântara Machado)

Carlos Fernando Mathias de Souza

Cadeira III (João Ribeiro)

Alberto Bresciani

Cadeira IV (Eduardo Prado)

Francisco Ferreira de Castro

Cadeira V (Euclides da Cunha)

Danilo Gomes

Cadeira VI (Tomás Antônio Gonzaga)

Rossini Corrêa

Cadeira VII (Joaquim Nabuco)

Luiz Gutemberg

Cadeira VIII (José Lins do Rego)

José Carlos Brandi Aleixo

Cadeira IX (Augusto dos Anjos)

Roberto Rosas

Cadeira X (Da Costa e Silva)

Carlos Henrique Cardim

Cadeira XI (Farias Brito)

Adirson Vasconcelos

Cadeira XII (Vicente de Carvalho)

Cristovam Buarque

Cadeira XIII (Manuel Antônio de Almeida)

Napoleão Valadares

Cadeira XIV (Artur Azevedo)

Vaga

Cadeira XV (Machado de Assis)

Paulo Castelo Branco

Cadeira XVI (Gonçalves Dias)

Ana Maria Lopes

Cadeira XVII (José de Alencar)

Ronaldo Costa Fernandes

Cadeira XVIII (Cláudio Manuel da Costa)

Fabio de Sousa Coutinho

Cadeira XIX (Castro Alves)

Hugo Napoleão

Cadeira XX (Sílvio Romero)

Afonso Ligório

Cadeira XXI (Rui Barbosa)

José Sarney

Cadeira XXII (Simões Lopes Neto)

Thiago Aguiar de Pádua

Cadeira XXIII (Aluísio Azevedo)

Edmílson Caminha

Cadeira XXIV (José Veríssimo)

Tania Serra

Cadeira XXV (Graça Aranha)

João Carlos Taveira

Cadeira XXVI (Cruz e Sousa)

Ronaldo Costa Couto

Cadeira XXVII (Raul Pompéia)

José Jeronymo Rivera

Cadeira XXVIII (Olavo Bilac)

Alaor Barbosa

Cadeira XXIX (Hugo de Carvalho Ramos)

Valdir de Aquino Ximenes

Cadeira XXX (Monteiro Lobato)

Gilmar Duarte Rocha

Cadeira XXXI (Graciliano Ramos)

Carlos Ayres Britto

Cadeira XXXII (Mário de Andrade)

Dom Raymundo Damasceno Assis

Cadeira XXXIII (Jorge de Lima)

Anderson Braga Horta

Cadeira XXXIV (Álvares de Azevedo)

Marcus Vinícius Furtado Coelho

Cadeira XXXV (Coelho Neto)

José Alberto Couto Maciel

Cadeira XXXVI (Joaquim Manuel de Macedo)

Margarida Patriota

Cadeira XXXVII (Raimundo Corrêa)

Vladimir Carvalho

Cadeira XXXVIII (Raul de Leoni)

Heitor Martins

Cadeira XXXIX (Martins Pena)

Victor Alegria

Cadeira XL (Afonso Arinos)